

**Em meio às turbulentas
desapropriações no Zimbábue,
uma mulher tenta salvar as
vítimas mais inocentes**

A MISSÃO MÁGICA DE MERYL

M POR PETER GODWIN

ERYL HARRISON colocava em dia sua papelada quando uma mulher em lágrimas surgiu contando uma história assustadora. Kerry Kay e sua família haviam sido expulsos da fazenda onde moravam por ativistas do partido do governo do Zimbábue, que mataram um guarda e surraram violentamente seu filho adotivo. Enquanto Kerry acompanhava o filho no hospital, seu marido, Iain, fora forçado a fugir



O carinho de Meryl
leva tranquilidade a
muitos animais
atormentados.

daquele que tinha sido o lar dos Kays pelos últimos 54 anos.

“Se eu voltar lá, serei massacrada”, disse Kerry. “Mas você poderia salvar nossos animais?”

Eram quatro cães, três gatos, seis cavalos e oito porcos. A cabra de estimação dos Kays, *Nippy*, tinha sido abatida por milicianos ou “veteranos de guerra”, como são conhecidos.

Meryl Harrison, mulher alta e corpulenta, beirando os 60 anos, há quatro era inspetora-chefe da Sociedade Nacional do Zimbábue para Preven-

quer deixaram Meryl saltar do veículo. Em poucos dias, porém, ela retornou três vezes, sempre encontrando cada vez mais animais, como *Shumba*, um *bull terrier Staffordshire* malhado, que saiu correndo pelo mato e pulou dentro da picape pela janela aberta. Meryl devolveu o cão e a alegria a seus donos. No entanto, a cada visita que fazia à fazenda, era recebida com mais hostilidade, até que, na última vez, foi chamada a um canto por um policial:

– Psiu!

“Se você voltar aqui, **VAI MORRER**”, intimidaram.

ção da Crueldade contra os Animais (ZNSPCA). Naquele dia, ela soube que enfrentaria uma situação cheia de implicações raciais e políticas, em que nem sua picape nem o uniforme seriam garantia de segurança.

Com o inspetor-assistente, Addmore Chinhembe, ela foi à delegacia e solicitou escolta. Dois policiais foram destacados para acompanhá-la, mas Meryl sabia da simpatia deles pelos partidários do governo, invasores da propriedade.

Logo no portão foram recebidos por um grupo de veteranos de guerra comandados por um homem num uniforme de camuflagem, portando um fuzil AK-47, que se auto-intitulava “o comandante”. Troncos de árvores bloqueavam o caminho. Na primeira visita, os veteranos nem se-

– Meu nome é Meryl Harrison, não “Psiu” – respondeu com frieza.

– Um dos cachorros que você procura está do outro lado da casa – disse ele.

Ao chegar ao local indicado, em vez de um cachorro, encontrou um ameaçador grupo de veteranos de guerra. Um deles empunhava um taco de golfe e outro começou a tirar grandes pedras do bolso.

– Se voltar aqui, vai morrer – avisaram.

Recuando, ela contou ao policial o que tinha acontecido.

– Não acredito – respondeu ele, sorrindo.

Meryl Harrison deixou sua cidade natal, Sussex, na Inglaterra, ainda menina, após a 2ª Guerra Mundial, e embarcou com a família num navio para



Meryl mostra a crueldade evidente: a perna arrancada de uma vaca.

a África. Passou a infância numa fazenda, na então Rodésia do Sul (atual Zimbábue), cercada por cães e cavalos. Como consultora para situações de crise, trabalhou na África do Sul ajudando pessoas que tinham tentado o suicídio, até juntar-se à Sociedade Protetora dos Animais, em 1983. Mais tarde, ingressou na ZNSPCA, onde desde 1994 atua como inspetora em tempo integral. Divorciada, Meryl tem dois filhos - um mora no Zimbábue e outro na Austrália.

O PRESIDENTE Robert Mugabe, que governa o Zimbábue desde a independência, em 1980, deu início às invasões de propriedades de fazendeiros brancos em 2000. Tomou tal decisão ao verificar o crescimento de um forte partido de oposição,

apoiado por eleitores descontentes com a corrupção crescente e a má administração econômica. Mugabe concluiu que o centro dessa oposição eram os fazendeiros brancos e seus empregados. Os invasores, apoiados por veteranos da guerra da independência e por forças de segurança, expulsaram os proprietários brancos de suas próprias fazendas.

A campanha de Meryl pelo resgate de animais começou com uma única imagem, transmitida para o mundo inteiro pela TV. Um dogue alemão chamado *Black Jacque* jazia inconsciente num gramado, enquanto partidários de Mugabe dançavam em volta dele, atingindo-o com porretes, pedras e machadinhas. Meryl compreendeu que a ZNSPCA tinha um papel a cumprir. Ela telefonou

para o fiel escudeiro de Mugabe, encarregado do planejamento das invasões, que se apresentava como “Hitler” Hunzvi e supostamente se gabava de ser “o maior terrorista do Zimbábue”.

– Não estou interessada em política – disse Meryl. – Só quero fazer meu trabalho, que é impedir os maus-tratos aos animais.

Hunzvi acabou concordando, mas sob rígidas condições.

– Apenas inspetores negros uniformizados e trafegando em veícu-

quando montes de feno empilhados em volta dele foram incendiados; uma novilha com metade da cara arrancada por cães de caça; um *bull terrier Staffordshire* atingido nas costas por um machado; uma enorme pilha de porcos mortos pela fome.

A entidade que Meryl representa é mantida por doações, e o apoio oficial é pouco, por causa da falta de recursos. Justamente quando os resgates eram mais numerosos, o seu companheiro de vida por 12 anos adoeceu de repente e morreu. “Foi um golpe

A novilha teve metade da cara **ARRANCADA POR CÃES.**

los oficiais podem entrar nas fazendas. Não deve haver publicidade, e nada além de animais domésticos maltratados ou abandonados poderá ser retirado de lá. Se desobedecer, as visitas serão proibidas.

Meryl teve de ignorar a primeira regra, pois o único meio de ser levada a sério pelos invasores era ir pessoalmente às fazendas. A última também não foi fácil de cumprir; muitas vezes teve de recusar os apelos das mulheres de fazendeiros que imploravam para reaver passaportes, fotografias de casamento e outras lembranças.

Ela e Addmore visitaram quase todas as fazendas onde houve conflito e resgataram centenas de animais. Deparam com visões apavorantes: um cavalo de corrida torturado e morto

duro, mas eu não tinha quem me substituísse e tive de continuar.”

NÃO HÁ DOIS resgates iguais. Quando as fazendas do distrito de Lion’s Den, no noroeste do país, foram invadidas, o telefone celular de Meryl recebia ligações de pessoas aflitas quase de hora em hora. Uma das chamadas foi de um vizinho da família Geldenhuys, expulsa violentamente da fazenda Two Trees com a filha deficiente física por causa de uma doença contraída na infância.

Depois de ver seu cão ser morto a tiros pelos invasores, a família teve de abandonar uma cadela *Australian blue heeler* chamada *Nandi*. “Você poderia tentar resgatá-la?”, pediu o vizinho, esforçando-se por se fazer



Acompanhada por uma assistente, Meryl segue para outra fazenda ocupada.

entender, apesar das interrupções da ligação. “Ela é tudo o que restou para nós.”

A casa da fazenda estava enegrecida pelo fogo; portas e janelas tinham sido arrancadas. A máquina de lavar, a geladeira e o fogão estavam jogados do lado de fora.

– Olá?! – se anunciou Meryl, cautelosa, mas não houve resposta.

Um homem apareceu à porta de entrada. Era o cozinheiro dos Geldenhuys, ainda de uniforme branco. Parecia terrivelmente assustado.

– Foi horrível o que fizeram aqui – disse, com tristeza. – Os Geldenhuys só conseguiram levar as radiografias e os relatórios médicos da filha. O resto... – ele silenciou.

– E quanto aos cachorros? – perguntou Meryl.

– Os invasores levaram todos eles: *Nandi*, *Khandi* e os quatro filhotes.

Meryl suspirou. Era uma missão impossível. Ainda assim, resolveu inspecionar a casa, para ter certeza. De cômodo em cômodo, foi pisando em cacos de vidro, até chegar ao banheiro em ruínas. Já ia embora quando percebeu um ligeiro movimento junto ao chuveiro. Era *Nandi*, de cabeça baixa, orelhas para trás, muda e apavorada, o corpo cheio de feridas. Apesar da delicadeza com que Meryl a tocou, a cadela ganiu de dor. O maxilar estava fraturado e havia cortes profundos dos dois lados da boca. Addmore e Meryl a carregaram até a picape.

Nandi havia percorrido cerca de 25 quilômetros, do acampamento dos invasores até o único lar que conhe-

cera. Segundo o veterinário, o ferimento da boca ocorreu quando ela arrancou com os dentes um nó feito com arame, a fim de se soltar. Meryl mandou *Nandi* para os parentes dos Geldenhuys na África do Sul, onde ela se recuperou totalmente.

PARA CHEGAR à sede da ZNSPCA, rumo-se para leste, saindo de Harare, numa bela paisagem formada por uma cadeia de montanhas em que as sombras azuladas se sucedem em direção às planícies de Moçambique. Do lado de fora da casa, um bando de cachorrinhos malhados corre pela grama. Meryl os encontrara quase mortos de fome e sede sobre os corpos em decomposição de outros da mesma ninhada, no fundo de um buraco, numa fazenda ocupada.

As atividades de Meryl lhe renderam várias ameaças de morte. Uma carta dizia: “Sra. Harrison, esteja ciente de que seus dias de serviço aos interesses dos brancos à custa dos negros acabaram...”

“Também resgatamos animais de fazendeiros negros, de partidários da oposição que tiveram de fugir”, argumenta ela, irritada. “Cuidei de cabras e jumentos dos veteranos de guerra.

Não quero saber quem são os donos dos animais. E, quando me perguntam por que me preocupo mais com os animais do que com as pessoas, respondo que há mais de 700 organizações cuidando das pessoas no Zimbábue, mas só uma para defender os animais.”

A maioria dos animais é devolvida aos donos – que comumente vivem em condições precárias – ou levada para casas de amigos. Mas, em algumas situações, é preciso sacrificá-los.

“Às vezes, sento-me na borda da cama e penso que não serei capaz de enfrentar mais um dia de resgates”, conta Meryl. “É tão deprimente percorrer fazendas vazias; toda a vida das pessoas jogada no chão, despedaçada, transformada em lixo.”

Mas logo se recompõe e folheia seu álbum de fotografias. “Esta é Alice. Mulher corajosa. Era empregada de uma fazenda em Centenary e, mesmo tendo sido agredida pelos veteranos de guerra, ofereceu-se para voltar e nos ajudar a resgatar o gato da família, porque, segundo ela, ele reconheceria sua voz.”

E assim foi feito. A foto seguinte era de uma Alice, sorridente, segurando o gato.

ASSIM É FÁCIL



Meu marido e eu começamos uma dieta com receitas específicas para cada refeição do dia. Segui as instruções de preparo, dividindo o resultado entre nós dois. Achamos a dieta ótima – nunca sentíamos fome! Quando percebi que estávamos engordando, tornei a olhar as receitas:

“Rendimento: 6 porções.”

BARBARA CURRIE, EUA